

OS GÊNEROS TEXTUAIS HIPERMIDIÁTICOS E O ENSINO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE EDUCAÇÃO E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

DANIEL NEVES DOS SANTOS NETO

Graduado em Pedagogia (UNEB); Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (UNIVERSO); Graduando em Letras – Língua Brasileira de Sinais (UFPB); Especialista em Educação Especial e Inclusiva (UNINTER); Pós-Graduado em Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão Escolar e Orientação Educacional (UNINTER); Pós-Graduado em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF); Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

TITO EUGÊNIO SANTOS SOUZA

Graduado em Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios (UNEB); Especialista em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias (UNIVASF); Mestre em Teoria da Literatura (UFPE); Jornalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Do Sertão Pernambucano (IF SERTÃO-PE); Professor formador em cursos de graduação e especialização na modalidade educação a distância (EAD).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma reflexão teórica, como o uso dos gêneros textuais hipertexto e hipermídia pode favorecer um maior diálogo entre educação e novas tecnologias nas instituições escolares. Para isso, recorre-se a autores tais como Bariani (2011), Cunha (2012), Santaella (2014), Marchuschi (2010), Pereira (2012), Lévy (1993), Bakhtin (2003), dentre outros, visando confrontar e estabelecer diálogos com bibliografias atualizadas e que se propõem a discutir a temática em questão. Nessa direção, as novas tecnologias aqui são apresentadas brevemente em sua evolução histórica, desde os primórdios de seu surgimento até o estabelecimento de uma cultura digital, virtual e cibernética na sociedade contemporânea. Em seguida, analisa-se os desafios e as possibilidades existentes quanto à inserção das novas tecnologias digitais e midiáticas no interior da escola, possibilitando inferências a partir da relação didático-pedagógica entre professores e estudantes. Por fim, destaca-se os hipertexto e hipermídia como gêneros textuais que emergem na sociedade contemporânea a partir do advento das novas tecnologias digitais e virtuais. Conclui-se, neste trabalho, que a educação, por meio das instituições educacionais de um modo geral, ainda precisa avançar com vistas a garantir dentro da escola o uso das novas tecnologias, buscando-se contemplar o hipertexto e a hipermídia nas diversas situações pedagógicas, dado o fato de que tais gêneros, bem como as novas tecnologias já fazem parte do cotidiano dos alunos e à escola não cabe promover a exclusão digital e tecnológica, mas favorecer situações em que os alunos desenvolvam a criticidade não somente ao manipular os aparatos tecnológicos digitais existentes atualmente, mas também ao se tornarem leitores interativos e coautores dos gêneros midiáticos.

Palavras-chave: Educação. Hipermídia. Novas Tecnologias.

INTRODUÇÃO

O ser humano, nos primórdios de sua história, buscando se adaptar ao meio em que estava inserido, desenvolveu ferramentas das mais diversas que o auxiliasse em sua sobrevivência. Enquanto tais ferramentas – os primeiros aparatos tecnológicos criados – foram se adequando aos contextos em que se inseriam, outras iam surgindo, visando contemplar as necessidades humanas então emergentes. Inicialmente, como as atividades se concentravam em caçar, pescar e plantar, aparelhos diversos foram inventados com vistas a favorecer a realização de tais tarefas. Eram utensílios fabricados, tendo-se como matérias-primas a madeira e a pedra lascada, tais como a lança, o arco, a flecha, materiais perfuro-cortantes etc. Era o início do desenvolvimento das tecnologias. Há quem diga ainda que, não muito depois desse período, a roda e a alavanca tenham sido grandes invenções tecnológicas que possibilitaram a criação de vários outros aparatos tecnológicos (MELLO NETO et al., 2003).

Não obstante, com o ápice das revoluções industriais nos séculos XVIII e XIX, as tecnologias se modernizaram de tal maneira que possibilitaram às sociedades que as produziam/recebiam se desenvolverem rapidamente nos aspectos científicos, culturais, sociais, entre outros. Todo esse desenvolvimento causou (e tem causado) fortes impactos e influências também no meio educacional, pois tem gerado vários debates importantes acerca do uso das novas tecnologias na educação e tem possibilitado que os educadores repensem suas estratégias pedagógicas de ensino de maneira a contemplar este cenário então emergente.

Contudo, é no século XX que vemos um grande desenvolvimento tecnológico, onde emergiram duas modalidades importantes de tecnologias: as digitais que hoje fazem parte da vida da grande maioria da população mundial e as assistivas que facilitam a comunicação e a aprendizagem das pessoas com deficiências e com transtornos de desenvolvimento. São tecnologias que utilizam sistemas superdesenvolvidos e que dão uma importante contribuição para facilitar a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Tecnologia, dessa forma, pode ser entendida como toda e qualquer ferramenta e/ou instrumento criado e desenvolvido pelo homem com vistas a potencializar e facilitar as suas atividades. Esse conceito de *tecnologia* tem sido difundido a partir do advento das revoluções industriais e do fortalecimento do sistema capitalista com o surgimento de

máquinas que substituíram as atividades de manufatura largamente praticadas até meados do século XVIII (HOBBSAWM, 2009). Foi a partir desse momento, então, que as tecnologias passaram a ser desenvolvidas em larga escala, proporcionando o surgimento de várias máquinas cada vez mais sofisticadas e com funcionalidades que superariam qualquer invenção já desenvolvida pelo ser humano.

Não obstante tal desenvolvimento tecnológico em nível mundial e suas influências nas instituições de ensino da educação básica, muitos professores e muitas escolas ainda se mostram resistentes em se adequar a esse contexto. Nesse sentido, é possível afirmar que, embora se reconheça o quanto as novas tecnologias podem contribuir para o sucesso da aprendizagem de alunos da educação básica, muito ainda se precisa caminhar para garantir de fato que tais aparatos tecnológicos sejam incorporados às culturas escolares.

E, no que se refere ao desenvolvimento das novas tecnologias digitais, é possível afirmar que, a partir da segunda metade do século XX, estas possibilitaram o surgimento de diversos gêneros textuais hipertextuais e hipermediáticos hoje já popularizados por meio de redes sociais, de blogs, de sites e de redes colaborativas. São gêneros textuais que surgem a partir do advento das novas tecnologias e que, conforme se discute neste trabalho, podem se tornar instrumentos facilitadores no processo de ensino e de construção das aprendizagens nas instituições escolares.

Tendo como motivação o pressuposto histórico anteriormente citado, este artigo tem como objetivo propor uma reflexão teórica baseada em estudos bibliográficos sobre o uso das novas tecnologias educacionais no ensino formal e institucionalizado, buscando-se compreender, a partir de uma revisão da literatura (BARIANI, 2011; CUNHA, 2012; SANTAELLA, 2014; MARCHUSCHI, 2010; PEREIRA, 2012; LÉVY, 1993), como os gêneros hipertexto e hipermissão podem favorecer um maior diálogo entre educação e novas tecnologias nas instituições escolares.

NOVAS TECNOLOGIAS E ENSINO

As novas tecnologias já conquistaram seu espaço no ambiente doméstico. Entre as tecnologias domésticas que são costumeiramente utilizadas, é possível citar a televisão, o telefone, o aparelho de som, o computador, o aparelho de DVD e o smartphone, entre tantos outros (CUNHA, 2012). Hoje, com o desenvolvimento industrial nos diversos países,

esses aparelhos tecnológicos são desenvolvidos com as mais diversas funções, o que tem agregado valor a tais produtos – desde as de informação e comunicação até as de mero entretenimento.

A escola também procurou lançar mão do uso de tecnologias disponíveis com fins educacionais. Se antes a transmissão dos conhecimentos em que se ancorava a estrutura educacional era pautada principalmente pelo repasse eminentemente oral dos conteúdos (LEVY, 1993), com o passar do tempo, a escola passou a utilizar recursos e tecnologias visuais que possibilitassem o registro escrito dos conteúdos ensinados/transmitidos, tais como o quadro-negro e o giz de calcário – hoje, em muitas escolas, já substituídos pelas tecnologias do quadro branco e do pincel atômico. Certamente, em seus primórdios, tais tecnologias representaram um desafio a ser vencido pelos professores cujas práticas pedagógicas pautaram-se, por muito tempo, pelo uso apenas da oralidade como suporte para o ensino.

Toda inovação tecnologia que adentra o espaço da instituição escolar gera estranhamentos iniciais, deslocamentos, provoca rupturas e redefine permanências. Assim aconteceu com o quadro negro e com o giz, com o computador e com a lousa digital no momento em que passaram a fazer parte dos recursos tecnológicos utilizados na escola. Além disso, com o desenvolvimento e a evolução das tecnologias digitais, estas ganharam terreno no espaço da escola e colocaram em xeque as práticas pedagógicas que se pautavam sobretudo no uso do quadro e do giz/pincel atômico. Algumas destas tecnologias, contudo, já têm se mostrado arcaicas e, na maioria das vezes, têm se acumulado nos depósitos escolares por já estarem em desuso. Esse acúmulo de lixo tecnológico e a não utilização das tecnologias digitais mais recentes têm refletido ainda uma outra problemática: quando uma escola adquire uma nova tecnologia, esta não vem acompanhada de formação continuada que vise capacitar os docentes para fazerem uso adequado dela em suas práticas pedagógicas, contribuindo assim para a subutilização de recursos tecnológicos (BARIANI, 2011).

Tal problemática tem relação direta com o fato de uma parcela considerável dos professores se mostrar despreparada para lidar com as novas tecnologias, chegando muitos até mesmo a afirmar, em situações e contextos informais, que seus alunos os sobressaem nesse sentido, muito embora também demonstrem acreditar na potencialização das aprendizagens que podem ser proporcionadas pelas novas

tecnologias (BARIANI, 2011). É possível afirmar, assim, que muitos professores, ainda que demonstrem resistências a mudanças, têm consciência de que as novas tecnologias podem, de fato, facilitar o processo de aprendizagem. Tal percepção, contudo, não pode se perder no campo dos discursos e das falácias, mas deve se materializar em práticas viáveis de inovação nas didáticas e metodologias de ensino com o uso efetivo das novas tecnologias em sala de aula.

Nesse contexto, pode-se afirmar o quanto as novas tecnologias ainda precisam adentrar de forma mais sistemática o ambiente da escola e ser incorporadas às práticas escolares. O cenário educacional do século XXI torna imperativo que os professores desenvolvam novas competências e habilidades de modo a fazer uso adequado das novas tecnologias, favorecendo a aprendizagem dos alunos de maneira dinâmica, ágil, lúdica, prática e eficiente.

Embora o sistema educacional ainda precise avançar na utilização de forma mais efetiva e mais veemente as novas tecnologias digitais e virtuais disponíveis na contemporaneidade, em vários momentos já tem procurado fazer uso destas em seu processo de ensino e de aprendizagem. Nesse ínterim, as tecnologias educacionais passam a ser entendidas como instrumentos facilitadores e potencializadores da aprendizagem, possibilitando que educandos e professores desenvolvam o processo educativo de forma mais eficiente por otimizar tempo e recursos (CUNHA, 2012).

Como exemplos de uso de tecnologias educacionais que têm ganhado espaço gradativamente no ambiente escolar, é possível citar: os sistemas educativos e interativos que são criados com vistas a proporcionar novos aprendizados aos estudantes; o uso das novas tecnologias digitais em sala de aula (tablets, smartphones etc.); o uso de computadores, notebooks, lousas digitais e projetores de multimídia no desenvolvimento de aulas expositivas; o uso de interfaces interativas e colaborativas que podem ser desenvolvidas por professores e estudantes (tais como os blogs, a wiki, os ambientes virtuais de aprendizagem, as páginas das redes sociais, sites etc.), entre outros (ROJO, 2013). São, de fato, tecnologias educacionais que podem contribuir não apenas com o desenvolvimento de aulas dinâmicas e interativas para os alunos, como também possibilitam que estes possam ir além do que está disponível nos materiais didáticos impressos (livros), permitindo-lhes ampliar seus saberes e potencializar seus aprendizados.

São essas e outras novas tecnologias digitais e virtuais que têm proporcionado a consolidação, ao menos na sociedade ocidental contemporânea, de vários gêneros textuais que não mais se mantêm presos ao papel impresso, mas o transcendem e se transformam em gêneros textuais digitais manipulados a partir de dispositivos tecnológicos, tais como os citados anteriormente. Nesse contexto, ganha destaque o gênero hipertexto, cuja ideia é iniciada pelo matemático e físico norte-americano Vannevar Bush na década de 1940 (e que fazia referência às conexões possíveis de serem estabelecidas entre os documentos de um arquivo por meio do Sistema Memex¹). Tal ideia foi desenvolvida pelo filósofo, sociólogo e pioneiro da tecnologia da informação Theodore Nelson no início dos anos 1960, sendo que, para este, o hipertexto designaria a ideia da leitura e da escrita não contínua em um sistema de informática (LÉVY, 1993). Esse entendimento de hipertexto passaria então, em fins do século XX, a designar os textos que seriam capazes de se conectar a outros textos por meio dos hiperlinks. Além disso, o hipertexto, ao se consolidar, passa e se conectar não mais apenas a outros textos (ditos verbais e escritos), mas também às diversas outras possibilidades de manifestações das linguagens em sua dimensão audiovisual, configurando-se assim na hipermídia - um gênero textual midiático surgido e fortalecido a partir das novas tecnologias e que merece ser considerado como um instrumento de trabalho possível na educação contemporânea, dada as suas múltiplas possibilidades de uso e difusão.

O HIPERTEXTO E A HIPERMÍDIA: GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES

Para iniciarmos a discussão sobre gêneros que surgem e que se manifestam a partir do advento das novas tecnologias, torna-se necessário compreender o conceito do que vem a ser “gênero textual”. Segundo Santaella (2014), Bakhtin foi um dos primeiros a trabalhar a noção de “gênero textual”. Para este autor, “gêneros do discurso” são numerosos gêneros textuais que surgem e se caracterizam conforme as necessidades das

¹ Pierre Lévy (1993) explica que o Sistema *Memex* era um dispositivo que facilitava a integração de documentos armazenados em um reservatório de multimídia (fitas magnéticas) que guardava em sua memória textos, imagens e sons gravados. Esse dispositivo mecanizava a classificação e a associação de tais documentos, facilitava a rápida convergência de novas informações a partir das conexões hierárquicas estabelecidas entre os arquivos indexados e poderia ser acessado por uma tela de televisão munida de alto-falantes. A esse respeito, diz ainda Lévy que “uma vez estabelecida a conexão, cada vez que determinado item fosse visualizado, todos os outros que tivessem sido ligados a ele poderiam ser instantaneamente recuperados, através de um simples toque em um botão” (LÉVY, 1993, p. 29).

atividades de interação social e de comunicação humana. Além de Bakhtin, também Marchuschi (2010) desenvolve uma compreensão para o conceito de “gênero textual”, argumentando que este se refere a cada texto materializado em sociedade e que encontramos em nosso cotidiano.

Com o início do desenvolvimento tecnológico, foi proporcionado o surgimento dos vários gêneros textuais. Elementos tecnológicos primários surgiram possibilitando a invenção do papel, da caneta, da tinta, das máquinas que proporcionam a fabricação de livros, etc. Todos esses foram (e ainda são) aparatos tecnológicos que possibilitaram o surgimento dos primeiros gêneros textuais. Antes de tais tecnologias, estes eram de caráter essencialmente oral², dado o fato de a grande maioria dos povos antigos constituírem suas culturas a partir da oralidade. Com o surgimento das diversas formas de registro de textos escritos, tais como os feitos em papiros e pergaminhos em formato de rolos, os povos antigos passaram a utilizá-los com cada vez mais frequência, sobretudo para fins sagrados e litúrgicos. Já com o domínio das técnicas de escrita, no período helênico dominado pelos gregos e romanos, inicia-se no ocidente a classificação de gêneros textuais, dividindo-os basicamente em gênero épico, lírico e dramático. É nesse período que surgem poetas, escritores e filósofos que passam a narrar as aventuras de tais povos e sua relação com os deuses da mitologia greco-romana nas epopeias e que passam a expressar poesias nos poemas cantados e declamados com auxílio do som de uma lira, isso sem falar nos dramas que são escritos e que passam a servir de roteiro para encenações teatrais. São os gêneros textuais iniciais que passam a nortear várias situações de comunicação e interação humana naquele momento da história literária e que darão base para o florescimento dos diversos gêneros textuais ao longo da história da humanidade.

A partir do período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, com o surgimento da imprensa e o fortalecimento dos processos industriais, a formatação dos registros de escrita em rolos entra em declínio e passa a consolidar a organização de livros no formato de códex (facilitando seu manuseio e sua massificação), bem como a utilização

² Autores como Bakhtin (2003) e Marchuschi (2001) defendem que existem também os gêneros textuais orais, dado o fato de que são textos emitidos oralmente e que se caracterizam conforme a situação de interação, comunicação e enunciação apresentada. Dentre os gêneros textuais orais contemporâneos, é possível citar o diálogo, a aula, a entrevista, a palestra, a conferência, o monólogo, entre outros.

de papel e não mais de papiros ou pergaminhos (LÉVY, 1993). Nesse período da história, também se estabiliza a padronização do sistema de escrita em boa parte da Europa, contribuindo assim para a expansão dos gêneros textuais, quando passam a surgir os gêneros jornalísticos e os publicitários, bem como suportes textuais diversos, a exemplo dos jornais, dos folhetos, das revistas e dos livros, que se tornam difusores de inúmeros gêneros que, de uma forma ou de outra, impressos ou digitais, permanecem presentes até hoje em nossa sociedade ocidental

Hoje, presenciamos o crescimento e o fortalecimento de uma cultura digital em massa, fazendo com que gêneros textuais já existentes e consolidados em nossa sociedade sejam redefinidos (tais como a carta, que tende a ser definitivamente substituída pelo e-mail, e os memes, que parecem ser uma evolução das tirinhas e histórias em quadrinhos), além de proporcionar o surgimento de inúmeros outros gêneros textuais que são fomentados, sobretudo, pelas redes sociais. Nesse sentido, é possível afirmar que:

Os grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como [...] telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mail), bate-papos virtuais (chat), aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante (MARCUSCHI, 2010, p. 21).

Conforme se pode notar, esses são alguns dos gêneros textuais midiáticos e/ou tecnológicos com que já nos acostumamos a desenvolver muitas de nossas situações de interação e de comunicação. Além desses gêneros tidos como novos, ainda temos os gêneros antigos que se transformaram em novos (tais como a carta e o meme já citados). Nesse sentido, “Bakhtin falava na transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos” (FIORIN, 2006, p.60), conforme exemplificado anteriormente. Ainda sobre este aspecto, Bakhtin explica que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (apud FIORIN, 2006, p. 60).

Dessa forma, tendo em vista a variedade enorme dos gêneros, percebe-se a dificuldade que seria analisar e descrever todos os gêneros textuais ou gêneros dos discursos que se apresentam em cada situação de interação e comunicação ou em cada esfera de atividade humana. Além disso, em cada esfera – seja ela jurídica, religiosa, familiar, acadêmica, profissional etc. – os gêneros se especializam, se transformam, se transmutam e se adaptam, conforme as exigências são impostas às formas de linguagens utilizadas.

Segundo Fiorin (2006), Bakhtin ainda aponta a possibilidade de se abordar sobre o hibridismo dos gêneros do discurso, tendo em vista que são tênues as linhas que os demarcam ou delimitam, pois em muitos deles são encontradas características que se assemelham e/ou que se misturam, a exemplo do conto e da crônica, que apresentam elementos em comum, não sendo possível, muitas vezes, determinar os enquadramentos desta ou daquela produção de linguagem. Não obstante, ainda assim os gêneros são relativamente estáveis, pois, embora flexibilidade, inovação e instabilidade sejam mais marcantes do que as permanências e o engessamento de critérios, eles carregam consigo propriedades que não se perdem ao longo do tempo e que dão estabilidade às ações humanas mediadas pela linguagem.

Além disso, muitos gêneros digitais que surgiram nas últimas décadas têm como característica se apresentarem com um hibridismo midiático, permitindo ao leitor ir além do mero texto verbal escrito no formato digital e possibilitando-lhe ter contato com outras linguagens, como os sons, as imagens, os vídeos etc. Ganha destaque, nesse contexto, o gênero hipermídia – um gênero textual que surge a partir da “fusão” do hipertexto e da multimídia. Trata-se de um gênero com grande capacidade de difusão de informações, pois, além de trazer o suporte textual no formato digital e de possibilitar a esse suporte o diálogo com outras linguagens verbais e não verbais, ainda traz em seu corpo links diversos que criam um novo tipo de leitura – não mais linear, mas uma leitura dinâmica, interativa, que permite ao leitor ler fragmentos do texto e partir para outros textos que dialogam com a temática anteriormente lida (SANTAELLA, 2014). Ainda sobre esse viés, Lévy aponta que uma das características do hipertexto é a mobilidade presente em suas redes de convergências:

A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens do sentido (LÉVY, 1993, p. 26).

Assim, é possível dizer que uma marca característica do texto midiático, ou dos gêneros textuais midiáticos, como o hipertexto e a hipermídia, é o fato de estes conterem “nós ou pontos de intersecção que, ao serem clicados, remetem a conexões não lineares, compondo um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados” (SANTAELLA, 2014, p. 7). O hipertexto, ao ser remetido e fazer intersecção com outros textos verbais, torna-se também uma hipermídia, por estabelecer nós e conexões com palavras, páginas, gráficos, vídeos, imagens, fotos, sons, músicas, ruídos, animações, entre outros signos verbais e não verbais, onde cada nó se liga rápida e quase que instantaneamente a outras infinitas conexões e até mesmo a outras redes inteiras (LÉVY, 1993). A “hipermídia”, portanto, é um gênero textual híbrido que abre o leque de possibilidades textuais, combina várias linguagens e vários códigos e, certamente, já garantiu espaço e se consolidou com o advento das novas tecnologias neste século XXI (SANTAELLA, 2014). Nesse contexto, é possível afirmar que:

Se antes o corpo textual apresentava marcas, referências, notas de rodapé, títulos; hoje, temos o hipertexto, que pode apresentar imagens e sons através de links. A partir da seleção de links, o leitor tem autonomia sobre o texto, podendo ler de forma não linear, ou ainda lendo somente aquilo que o interessa, sem a necessidade de ver todo o texto. Além disso, em muitos sites, blogs e nas páginas das redes sociais é possível interagir com comentários e postagens de fotos e vídeos que complementam a informação veiculada. Vale lembrar que o contato físico com o texto é alterado. Perdemos o manuseio de folhas de jornais e livros, para ater-nos à necessidade de outros elementos (tela, mouse, teclado) ao configurar e mudar de páginas (PEREIRA, 2012, p. 5).

Percebe-se, dessa forma, que há uma redefinição do papel de leitor quando o gênero textual manipulado é um gênero midiático. Há, neste caso, a adoção de uma postura leitora que envolve não a mera passividade diante da informação escrita, mas a

construção de uma autonomia leitora em que o leitor se torna sujeito ativo desse processo, rompendo as barreiras antes delimitadas pelo texto físico.

Outra característica dos gêneros textuais midiáticos é a possibilidade de tornar o leitor um coautor do gênero que está lendo. Se antes o leitor apenas lia os textos impressos e fazia anotações nas margens do texto, hoje, além de poder fazer leitura não linear, que pode ser estabelecida com vários links e lhe permite ser direcionado para outros textos, também pode inferir sobre o que leu de maneira também ágil e dinâmica. Isso é possível sobretudo em sites, blogs e redes sociais na internet que permitem ao leitor compartilhar informações, “curtir” e comentar postagens, estabelecer críticas em grupo ou análises públicas sobre assuntos diversos, tornando-se assim não um mero leitor, mas também desenvolvendo uma atividade de coautoria com o produto textual.

HIPERTEXTO, HIPERMÍDIA E NOVAS TECNOLOGIAS: REPENSANDO O ENSINO NA CONTEMPORANEIDADE

É fato que a internet já está inserida no cotidiano de boa parte do corpo discente. Pesquisas diversas na área da educação, como a desenvolvida por Cunha (2012), têm mostrado que uma parcela considerável dos estudantes oriundos de escolas localizadas em centros urbanos possui pelo menos um dispositivo móvel tecnológico e digital com acesso à internet, ficando evidente que as novas tecnologias digitais já fazem parte da vida de boa parte dos educandos. De acordo com esta pesquisa, todos os alunos investigados fazem uso de pelo menos um aparelho tecnológico, sendo que o aparelho celular e o computador aparecem como dispositivos mais utilizados. E, dos alunos entrevistados para a pesquisa, cerca de 95% relataram ter acesso regular à internet.

Outras pesquisas realizadas e organizadas por Rojo (2013) têm indicado o leque de possibilidades existentes quanto a se utilizar os diversos gêneros textuais digitais existentes atualmente nas práticas em sala de aula e no ensino, além de mostrarem que os saberes historicamente acumulados não estão mais presos nos muros da escola ou em suas bibliotecas, mas estão difundidos, espalhados nos sites, nos blogs, nas redes sociais, nas mídias digitais, na rede de internet, nas redes colaborativas. Certamente, de uma forma ou de outra, os alunos terão acesso a tais saberes por, simplesmente, em casa, na escola, na lan house, na rua, acessar uma ou mais páginas da internet com apenas um clique. Cabe à escola, nesse contexto, se adequar às necessidades tecnológicas que se apresentam por

buscar, de alguma ou de várias maneiras, contemplar esse universo digital e essa cultura cibernética em que os alunos estão amplamente inseridos.

Nesse sentido, Pereira (2012, p. 8) esclarece que “é preciso que os professores estejam a par das novas mídias e utilizem os novos gêneros para inserir a educação nessas diferentes formas de ler e escrever”. Infere-se, portanto, que uma das ações necessárias nesse contexto é a formação docente para atuar nessa cultura digital que tem se inserido no seio da instituição escolar. Além da formação continuada, outra ação imprescindível é a elaboração e a execução de projetos educacionais e pedagógicos que busquem diminuir esse distanciamento existente entre os docentes e as novas tecnologias. Dessa forma, algumas resistências poderão ser minimizadas e certas posturas de não aceitação de uso das novas tecnologias na educação poderão ser ressignificadas.

Essa adoção da cultura digital pela escola se faz necessária, pois muitos pesquisadores e professores defendem os benefícios ao se inserir e se fazer uso das novas tecnologias por alunos e educadores no espaço escolar, favorecendo, assim, a interação entre docentes e discentes, bem como a (re)construção do conhecimento. Além disso, estabelecer um diálogo constante entre os interesses tecnológicos e digitais dos jovens estudantes e contemplar tais interesses por meio da mudança de cultura da escola e da difusão de uma cultura cibernética mostra a capacidade que a instituição escolar possui de respeitar e de entender os alunos como sujeitos autônomos, com saberes previamente construídos e produtores de discursos que podem ser de grande valia para a elaboração e a execução de um projeto – tal como o aqui proposto, em que as novas tecnologias digitais tenham lugar de destaque nas práticas educativas (BARIANI, 2011).

Nesse sentido, Bariani (2011, p. 4) faz o seguinte apontamento: “a hipermídia faz parte deste contexto digital que atrai o público jovem fora das salas de aula. Se esta linguagem é tão apreciada pelos estudantes, por que não levá-la para dentro do meio acadêmico?”. Certamente há desafios em se implementar o uso da linguagem da hipermídia em sala de aula, tais como a insuficiência de recursos tecnológicos nas instituições escolares e a indisponibilidade de internet de qualidade que favoreça o uso de tais gêneros textuais nos formatos em que estão disponibilizados nas mídias digitais. Outro desafio reside no fato de que muitos alunos têm utilizado as novas tecnologias (leia-se smartphones) como instrumentos de concorrência com as aulas dos professores e não como instrumentos de colaboração. No entanto, o referido autor complementa:

Telefone celular, computador, internet e/ou aparelho MP4 são objetos tecnológicos que surgem, constantemente em uma sala de aula proliferando desafios. Então, como lidar com essas cenas? Não é possível fechar os olhos para a cultura digital. É preciso trabalhar a vivência tecnológica no cenário escolar. É infundada a ideia de proibir o uso de tecnologia pelos alunos em sala de aula, uma vez que [...] estes são extensões do corpo do estudante (BARIANI, 2011, p. 9).

É notório que ainda é consenso entre muitos professores a necessidade de se proibir o uso do telefone celular em sala de aula. Mas, conforme observa Bariani (2011), os meios de comunicação digitais são praticamente extensões do ser humano, pois já fazem parte da sua vida diária, já fazem parte de si, são seus companheiros aonde quer que vão. Não cabe à escola, nesse momento, promover de forma autoritária a proibição do uso deste ou daquele aparelho tecnológico, mas deve-se oportunizar aos estudantes atividades pedagógicas que envolvam os usos exploratórios das tecnologias no espaço da escola, buscando-se estabelecer com os alunos o diálogo e promovendo estudos, pesquisas, debates em que as novas tecnologias estejam a serviço da promoção e da construção da aprendizagem, não em oposição a ela.

Quanto aos gêneros textuais hipertexto e hipermídia, estes ainda não conquistaram seu espaço dentro da escola de maneira efetiva, mas ainda de forma muito tímida e pontual. Sua utilização como instrumento pedagógico ainda é pouco explorada. E isso por vários motivos, alguns já indicados neste artigo: professores não se sentem capacitados para sua utilização; escolas com aparatos tecnológicos rudimentares e ultrapassados; novas tecnologias vistas como concorrentes e não como parceiras por professores e por famílias de alunos (a experiência prática tem mostrado isso); hipertexto e hipermídia ainda não vistos pelos docentes como gêneros textuais que possam ser trabalhados em sala de aula, dentre tantos outros.

Contudo, visto que os alunos já se utilizam no seu dia a dia de hipertextos e de hipermídias, é urgente a necessidade de a escola buscar estratégias viáveis de superação de um legado de despreparação para lidar com as novas tecnologias digitais e passar a assumir como sua responsabilidade orientar os educandos na utilização de tais gêneros textuais midiáticos (LÉVY, 1993), auxiliando-os a desenvolverem sua criticidade, discutindo com eles sobre suas características, sua circulação, seus objetivos interacionais, seus interlocutores, seus conteúdos amplamente divulgados, sua função na difusão de opiniões diversas, os discursos que são veiculados e suas diversas possibilidades de estabelecimento

de diálogos com outras linguagens, outros códigos, outros textos. Certamente, essa prática seria muito enriquecedora para a formação dos discentes, pois, conforme indica Garcia (apud BARIANI, 2011), a hipermídia pode provocar transformações positivas nos usos sociais da escrita e da leitura dentro e fora das instituições educacionais. Sobre este aspecto, Lévy também esclarece o seguinte:

O hipertexto ou a multimídia interativa adequam-se particularmente aos usos educativos. É bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela integrará e reter aquilo que aprender. Ora, a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa (LÉVY, 1993, p. 40).

Dessa forma, contemplar o hipertexto e a hipermídia dentro da escola nas aulas programadas no currículo das várias disciplinas, dada a sua dinamicidade, favoreceria uma experiência enriquecedora para os jovens estudantes, pois valorizaria aquilo que eles mais têm lidado na atualidade: os recursos audiovisuais. Além disso, proporcionaria a estes se desenvolverem em suas atividades de coautoria, pois, sob a orientação do professor, seriam conduzidos a se tornarem escritores, comentaristas, editores de postagens, distribuidores e compartilhadores de informações realmente úteis para a sociedade (BARIANI, 2011).

Não obstante, para que esta idealização se transforme em práticas pedagógicas viáveis, para que os gêneros hipertexto e hipermídia realmente adentrem nas escolas, torna-se necessário que tais instituições aceitem “o desafio de compreender e produzir conhecimento através das novas mídias que invadem o cotidiano do estudante” (BARIANI, 2011, p. 9). Para além de uma adoção de postura institucionalizada, os professores precisam estar dispostos a estabelecer diálogos com as novas mídias e com os gêneros midiáticos, buscando motivação para pesquisar, divulgar e desenvolver conteúdos, estratégias e metodologias de ensino em que sejam utilizadas as linguagens tecnológicas e digitais (BARIANI, 2011). Principalmente assim, contemplando-se a linguagem interativa, dinâmica e digital própria do hipertexto e da hipermídia, é que se poderá estabelecer um diálogo eficiente com o dia a dia dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES NÃO CONCLUSIVAS

Analisar o contexto da inserção das novas tecnologias digitais no ambiente da escola não é tarefa fácil, dado o fato de muitas resistências ainda existirem com relação a tais aparatos, além de muitas vezes as condições estruturais não serem favoráveis à implementação do uso das novas tecnologias e dos gêneros hipermidiáticos em sala de aula. Boa parte das escolas ainda mantêm em sua organização pedagógica elementos da educação tradicional, como a memorização de conteúdos, a organização de carteiras em filas indianas, a centralização do ensino no professor, o foco dos problemas de aprendizagem no aluno e a insistência no modelo da “educação bancária” – tão criticada por Paulo Freire (1974) e por outros teóricos da educação.

Conforme esclarece Lévy (1993, p. 8), “a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em uso moderado de impressão”. Assim, nesse contexto altamente conservador e com muitas permanências históricas no fazer pedagógico da escola, promover uma transformação tecnológica dentro desta perpassaria, sobretudo, pela adoção de políticas públicas eficientes que favorecessem rupturas em sua lógica organizacional por inseri-la em um contexto inovador e favorável à difusão das novas tecnologias digitais no ensino.

Além disso, contemplar o ensino dos gêneros hipertexto e hipermídia no ensino escolar precisa, antes de mais nada, de uma maior compreensão e sensibilização do corpo docente quanto à importância do ensino desses gêneros em sala de aula, sobretudo (mas não exclusivamente) nas aulas de língua portuguesa. Conhecer os gêneros textuais como textos materializados e representativos de interações humanas que são construídas a partir da comunicação facilitará aos docentes perceberem que, no contexto das novas tecnologias e da cultura digital em massa, os gêneros midiáticos podem ter seu valor e seu lugar garantido em aulas direcionadas aos estudos destes.

Não obstante, a maneira como as relações entre docentes e discentes são estabelecidas e conduzidas, tendo-se por mediação as novas tecnologias e o manejo adequado do hipertexto e da hipermídia em sala de aula, ainda merecem maiores reflexões e análises tendo-se como base análises de experiências de práticas pedagógicas, estudos de casos e pesquisas empíricas devidamente fundamentadas, registradas, relatadas e difundidas.

Embora o propósito deste artigo tenha sido o de fazer inferências iniciais sobre o tema aqui discorrido, outras leituras são necessárias, e outras pesquisas também, tendo professores e estudantes como sujeitos de pesquisa e tecnologias digitais e gêneros midiáticos como objetos de estudo, visando-se, assim, buscar compreender como a adoção de uma cultura digital pela escola tem de fato colaborado com o fazer pedagógico, com o processo de ensino e de aprendizagem e com a construção de conhecimentos social e culturalmente relevantes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARIANI, B. B. Hipermídia e educomunicação: o papel das novas mídias digitais no ensino. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 84-91, jan. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/9707/7137>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

CUNHA, U. N. S. Novas tecnologias e ensino: diálogo mais que possível na educação pública. **Simpósio hipertexto e tecnologias na educação**, 4ª Edição, 2012, Recife. Anais Eletrônicos. Recife: UFPE, 2012. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/AnaisHipertexto2012/UrsulaCunhaNovastecnologias.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

FIORIN, J. L. Os gêneros do discurso. In: _____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MELLO NETO, F. F. [et al]. A guerra, a tecnologia e os engenheiros: repensando o modelo de desenvolvimento tecnológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA, 31ª Edição, 2003, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos. Rio de Janeiro: **Associação Brasileira de Educação de Engenharia**, 2003. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2003/artigos/EIT620.pdf>>. Acesso em: 28 de fev. 2016.

ROJO, R. (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago/dez. 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a13v9n2.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, L. G. Leitura, gêneros textuais e novas tecnologias. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 1, n. 1, p.1-10, 2012.